

161/

CONSIDERAÇÕES GERAIS

C.L. 77

ALGUMAS DEBILIDADES DO MOVIMENTO ANARQUISTA

Assistimos, de há três anos a esta parte, a diversas tentativas de federação e coordenação dos vários núcleos e grupos anarquistas que desenvolvem ou pretendem desenvolver actividades próprias. Desde o M.L.P. e a FAL até aos recentes casos da F.A.R.P. e A.L.A.S., as tentativas têm, em nosso entender, falhado (1). Assim, essas estruturas têm-se reduzido a meros suportes burocráticos de reuniões rotineiras, de evocações de algumas efemérides (morte de Bakunine, criação da FAI, processo Sacco e Vanzetti) ou de pequenas excursões e pic-niques. Nada mais se vê.

Embora já tenhamos expresso por várias vezes as nossas discordâncias referentes às concepções em presença e também apresentado as nossas propostas concretas, não podemos deixar de, nesta "Conferência Libertária 77", repisar mais uma vez o que pensamos sobre este grave problema. Fazemo-lo, baseando-nos na nossa experiência de colaboração prática com vários grupos, sobretudo de Lisboa, e na nossa desenxabida passagem pela F.A.R.P.. É esta, aliás, uma das condições porque participamos nesta conferência anarquista.

1. ORGANIZATIVITE

Tem havido desde início uma tendência para privilegiar a organização em si e de a construir de cima para baixo.

Podemos referir alguns exemplos. Assim, a F.A.R.P. surge antes de haver federações locais, antes destas se agruparem em federações regionais e, até, muito antes da F.A.R.P. existir, já dois grupos se reivindicavam de pertencerem à "FAI-Região Portuguesa" (2). Este último aspecto até nos poderá levar a admitir que anteriormente a existirem delegados da região portuguesa à FAI, começou por haver representantes da FAI à região portuguesa...

Ainda, quanto à F.A.R.P., note-se que certas acções desenvolvidas em conjunto por grupos federados na F.A.R.P. e em que esta (ou a UGAL) como estruturas coordenadoras, poderiam ter desempenhado um papel positivo, só trouxeram foi obstáculos e ençaves vários.

Por outro lado, a A.L.A.S. não fugiu a esta ideia organizativa. Ela, ao formar-se, baseia-se na "descontraída" pretensão de alguns militantes em "criar uma organização libertária" (sic)(3). E, assim, elaboraram-se os estatutos e a plataforma ideológica, à boa maneira autoritário-leninista da organização-toda-poderosa que começa de cima para baixo.

Ao invés de impulsionar a luta prática e quotidiana e de propôr, seguidamente, formas organizativas para a necessária coordenação, cria-se primeiramente a ideia da organização acabada. Fundamenta-se esta criação na existência passada de organizações semelhantes e nas organizações internacionais nas quais urge (?) a filiação. Como curiosidade anote-se que nos primeiros pontos do pacto organizativo da F.A.R.P. e dos estatutos da A.L.A.S., os organismos internacionais FAI/IFA e AIT são imediatamente evocados, como que tentando dar legitimidade às suas filiais portuguesas!

(1) - Não estamos obviamente a referir-nos a casos pontuais de colaboração entre grupos anarquistas para a realização de actividades de interesse mútuo.

(2) - Pelo menos, desde Setembro / 75.

(3) - Circular do Secretariado Nacional (provisório) do A.L.A.S. de junho de 1976.



Mas, afinal, para os anarquistas a questão coloca-se em se organizarem consoante a actividade a desenvolver e a federarem-se logo que as necessidades da acção assim o exigirem ou, antes pelo contrário, a criarem organizações, de tendência centralizadora e representativa, para filiação internacional e sem relação com a acção ?

2.FALTA DE ACÇÃO

Ligado ao ponto anterior, à criação de organizações como quem faz castelos no ar, aparece-nos o problema da acção específica.

Os problemas da organização virada sobre si mesma surgem na ausência de acção. Se dois grupos, para desenvolverem as suas actividades têm necessidade de colaboração, só têm que se associar ou federar para que este nível de organização corresponda à acção que eles querem desenvolver.

De outra forma aparecem objectivos anacrónicos, próprios de organizações políticas, como sejam o de "educar os seus membros e as massas trabalhadoras e populares" (4), ou fazer depender a entrada de um elemento para um núcleo da ratificação do "organismo superior" (5). A associação é voluntária e livre, e a federação é uma necessidade da acção que dispensa obviamente autorização superior. E quanto à educação, no que respeita à nossa agradecemos a simpatia!

A falta de acção paraliza a organização. E, claro, a organização formada sem ela sofre de esclerose inata e crónica. Não podem deixar de ser entaves para a acção anarquista.

3.POSIÇÕES DEFINIDAS

Outro ponto, evidentemente relacionado com os pontos acima referidos, é este: a falta de definição nitida de posições e da respectiva demarcação. A falta de clarificação das posições de parte a parte contribui para uma certa salgadura a que temos assistido.

Torna-se cada vez mais urgente a discussão de certos assuntos e a demarcação precisa sobre algumas perspectivas de trabalho.

A associação parece-nos impossível entre grupos de perspectivas antagónicas. Por exemplo, grupos anarquistas que se reivindicam anti-militaristas não se podem federar com grupos que apoiam o MFA ou elogiam certos "oficiais revolucionários", como se diz.

É em função disto, que pomos o acento tónico desta conferência na discussão de uma série de temas fundamentais (em nosso ver, claro) a fim de todos os grupos poderem dispor de ideias claras sobre afinidades mútuas, que possam gerar associações práticas e frutuosas.

A clarificação necessária também nos levará a uma clarificação definitiva com movimentos politico-esquerdistas, pseudo-anarquistas, e com o sindicalismo neo-corporativo ou satélite de partidos políticos.

Torna-se cada vez mais urgente apurar os interesses e as necessidades dos grupos que se reivindicam do Anarquismo, evitando associações e federações sabotadoras da acção e permitindo a associação necessária entre grupos e elementos afins.

(4) - Pacto organizativo da F.A.R.P..

(5) - Estatutos da A.L.A.S..



